



VOZ DA FÁTIMA

Maria levantou-se e partiu apressadamente

EDITORIAL

Fátima: lugar de encontro e escola de oração

Pe. Carlos Cabecinhas

Em 2025, a Igreja vive um Ano Santo: o Jubileu ordinário, que tem lugar em cada 25 anos. Assim, ao perspetivar um novo ciclo pastoral, o Santuário de Fátima adotou como horizonte o Ano Santo Jubilar, em sintonia com este acontecimento rumo ao qual se desenvolverá a vida da Igreja ao longo destes dois anos.

Concluimos agora um triénio pastoral (2020-2023) ancorado no percurso temático associado à Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023. No início desse triénio, demos especial atenção aos desafios e dramas enfrentados pela humanidade em razão da pandemia de COVID 19. O coroamento do triénio foi a Jornada Mundial da Juventude, que trouxe a Fátima mais de um milhão de jovens. Acreditamos que estes jovens peregrinos, que vieram conhecer o Santuário por ocasião da JMJ, serão os peregrinos de Fátima no futuro e são já difusores da mensagem de Fátima nos seus países de origem.

Concluído esse triénio, abre-se diante de nós um biénio enraizado nos temas determinados pelo Papa Francisco para a vivência deste Jubileu: a “Oração”, em 2024, ano que precede o Jubileu, e “Peregrinos da Esperança”, tema do Ano Santo. O tema global destes dois anos, que confere unidade a este biénio pastoral, é: “Ao Encontro da Esperança”. Sob este tema geral propõem-se os temas de cada ano pastoral: em 2023-2024, “Chamados ao Encontro” e, em 2024-2025, “Peregrinos da Esperança”.

Em total consonância com a sua natureza e missão, com o acontecimento do qual é memorial e com a mensagem que define a sua identidade e ação, dimensões com que estes temas condizem, o Santuário une-se também ao caminho que a Igreja de que é parte percorrerá, assumindo o mesmo intento formulado pelo Santo Padre, de que «o Ano Santo possa ser preparado e celebrado com fé intensa, esperança viva e caridade operosa» (Carta do Papa Francisco ao Arcebispo Rino Fisichella pelo Jubileu 2025, 11 de fevereiro de 2022).

Com este biénio pastoral pretendemos relevar o papel e o lugar de Fátima como casa e escola de oração. O tema reafirma a importância do silêncio contemplativo e orante, valorizando o Santuário como lugar propício para a sua vivência. Mas porque a oração se faz também a nível comunitário, propõe-se Fátima como lugar de encontro e casa de todos. Pretende-se intensificar também a dilatação da mensagem e espiritualidade de Fátima para fora dos limites geográficos do Santuário nacional e internacionalmente. À medida que nos aproximados da celebração do Ano Santo, procuraremos aprofundar a consciência de que ser cristão é ser peregrino-missionário. Em sintonia com o tema do Ano Santo, pretende-se apresentar Fátima como luz sobre as desesperanças da humanidade e como acontecimento, mensagem e lugar materno da esperança. Por outro lado, tendo em conta que, no presente ano, a Igreja publicou o Decreto da Heroicidade das Virtudes da Irmã Lúcia, o Santuário pretende dar a conhecer o carisma da Venerável Lúcia de Jesus, profeta de esperança.

Acreditamos que, com este biénio pastoral, ajudaremos à vivência do Ano Santo em Fátima e a partir de Fátima, em união com toda a Igreja.

“Ao encontro da esperança” é a proposta do novo ciclo pastoral de dois anos na Cova da Iria

Apresentação do tema do ano acontecerá a 2 de dezembro.

No Santuário já está em vigor o horário de inverno, com a missa das 11h00 a ser celebrada entre a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e a da Santíssima Trindade.

Carmo Rodeia



“Chamados ao encontro” é o tema do primeiro ano do biénio “Ao encontro da esperança” que se inaugura no dia 2 de dezembro no Santuário de Fátima e que conduzirá os peregrinos até esse grande momento da Igreja católica romana que é o Ano Santo, que se assinala em 2025.

A apresentação do novo ano pastoral decorrerá no próximo dia 2 de dezembro e será feita pelo cardeal D. António Marto, que proferirá uma conferência sobre a importância da oração e da esperança na mensagem de Fátima e pelo Reitor do Santuário, que apresentará as iniciativas que irão materializar esta opção teológica.

Durante a tarde haverá ainda um momento musical.

O tema deste ano de 2023-2024 é “Chamados ao encontro” e tem como ponto de referência a frase “Orai sem cessar”, da Carta aos Tessalonicenses bem

como esse apelo do Anjo aos três Pastorinhos, em 1916: “Orai comigo”.

No centro desta temática está a importância da oração e um sublinhado de Fátima como casa e escola de oração, onde todos podem fazer a experiência do silêncio orante e da oração pela paz, seja de um ponto de vista individual seja comunitário.

Neste mês de novembro, já estará em vigor o horário de inverno, com particular destaque para o regresso da missa semanal, entre segunda e sexta-feira, às 11h00, à Basílica de Nossa Senhora do Rosário, mantendo-se a sua transmissão nas redes sociais do Santuário bem como na TV e Rádio Canção Nova.

A hora de reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha das Aparições, passa a realizar-se apenas aos sábados e domingos, às 14h00.

O Rosário reza-se diariamen-

te na Capelinha das Aparições às 18h30 e às 21h30. Ao sábado e domingo às 10h00, de segunda a sábado às 12h00 e ao domingo às 16h00.

As confissões, nas Capelas da Reconciliação, estão disponíveis de segunda a sexta-feira entre as 7h30 e as 13h00 e as 14h00 e as 19h30. Ao sábado e domingo, as Capelas da Reconciliação estão abertas entre as 7h30 e as 19h30.

A bênção de viaturas tem lugar aos domingos e aos dias santos, no parque 12, pelas 12h45 e as 17h00.

A celebração dos primeiros sábados além da participação na missa das 11h00, os peregrinos são convidados a uma Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, pelas 14h00 na Capelinha das Aparições. O programa finda com uma meditação e adoração eucarística na Basílica da Santíssima Trindade.

De maio a outubro:

Entre maio e outubro, a Cova da Iria recebeu 3107 grupos organizados, de 97 países. Entre os que se anunciam nos serviços do Santuário e os que participam nas diferentes celebrações – do programa oficial e particulares –, o Santuário registou a presença de 4,4 milhões de peregrinos.

Carmo Rodeia



O reitor do Santuário de Fátima apresentou, no passado dia 12 de outubro, os dados sobre a afluência de peregrinos neste ano de 2023, no período entre maio e outubro, que registou um aumento significativo na presença de grupos na Cova da Iria, considerando os números do mesmo período em 2019 e 2022.

“Estamos com uma afluência de 4,4 milhões de peregrinos deste período até 10 de outubro, um aumento significativo em relação a 2022, mas que nos deixa ainda aquém dos números verificados em 2019”, explicou.

O responsável destaca uma “recuperação enorme” desde os tempos da pandemia, com números “bastante significativos e uma recuperação dos grupos de peregrinos estrangeiros”, particularmente “importante e significativa”.

“É um aumento significativo em relação a 2022, mas que nos deixa um pouco aquém dos números que se verificaram em 2019”, comparou o reitor do Santuário, dando nota da recuperação no número de grupos de peregrinos estrangeiros, com a Espanha a ser a nacionalidade com maior expressão, seguida da Itália e da Polónia. Sobre a afluência de peregrinos, o padre Carlos Cabecinhas sublinhou ainda a presença de grupos vindos da Ucrânia, o regresso dos grupos provenientes da Ásia, em especial da Coreia do Sul, e a “presença muito relevante” de grupos provenientes dos Estados Unidos da América.

Entre 1 de maio e 10 de outu-

bro, o Santuário de Fátima recebeu 3107 grupos de 97 países, incluindo de Portugal; houve 1417 grupos da Europa e 295 grupos da Ásia.

“Note-se que da Ásia falamos de 16 países, sendo o mais significativo a Coreia do Sul. Houve uma recuperação antes da pandemia – a Coreia, particularmente, tinha grupos todas as semanas em Fátima; esses grupos desapareceram durante a pandemia, e este ano temos 50 grupos vindos da Coreia, o que é especialmente significativo para o Santuário”, reconheceu.

O padre Carlos Cabecinhas notou ainda que Espanha é o país com maior participação de grupos, equivalente aos Estados Unidos da América – sendo que os provenientes do país vizinho são mais populosos – e que Itália é o segundo país com maior inscrição de grupos.

Também da Ucrânia chegaram, “apesar do contexto da guerra”, 14 grupos, com 2460 peregrinos.

O Responsável salienta, no entanto, que o número de grupos pode ser maior uma vez que apenas é possível referir aqueles que se inscrevem no Santuário de Fátima. Durante a peregrinação de outubro, o Santuário registou a presença de cerca de 300 mil peregrinos, o que faz com que os números se aproximem já, de forma significativa, dos registados no mesmo período em 2019. É algo que acontece pela primeira vez depois da pandemia do coronavírus.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

Impressão

FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, nº161 | 3020-430 Coimbra

Fátima em números

Os números descodificados

O mês que registou o maior número de peregrinações organizadas foi o de agosto, com um total de 718 grupos. Foi em agosto que os estrangeiros participaram em maior número, seguindo-se julho e setembro. Aliás, os grupos organizados estrangeiros são sempre mais do que os portugueses que se anunciam no Santuário, embora a esmagadora maioria dos participantes em celebrações durante todo o ano, e também nestes meses, entre maio e outubro, seja de nacionalidade portuguesa. O mês em que os grupos portugueses continuam a ter uma expressão significativa é o de maio, mas sem superar o número de grupos estrangeiros.

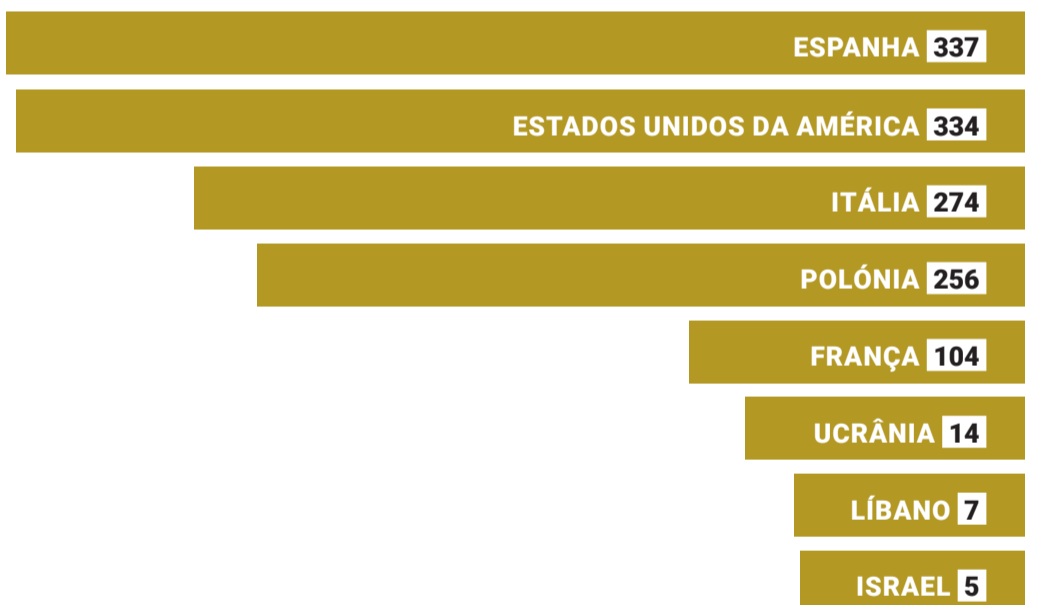
A Espanha continua a ser o principal país organizador de peregrinações a Fátima, com 337 grupos e cerca de 30 mil peregrinos. Mas, neste período os Estados Unidos quase que igualam o número de grupos organizados com a presença de 334 peregrinações, mas apenas com 15 550 peregrinos. Já a Itália, que durante a pandemia tinha perdido uma posição em relação à Polónia, passando a ser o terceiro país com mais grupos, neste período deste ano, retoma o segundo lugar nas estatísticas dos grupos organizados com 274 grupos e quase 24 mil peregrinos. Seguem-se a Polónia e a França com 256 e 104 grupos respetivamente.

Os números entre 1 de maio e 10 de outubro

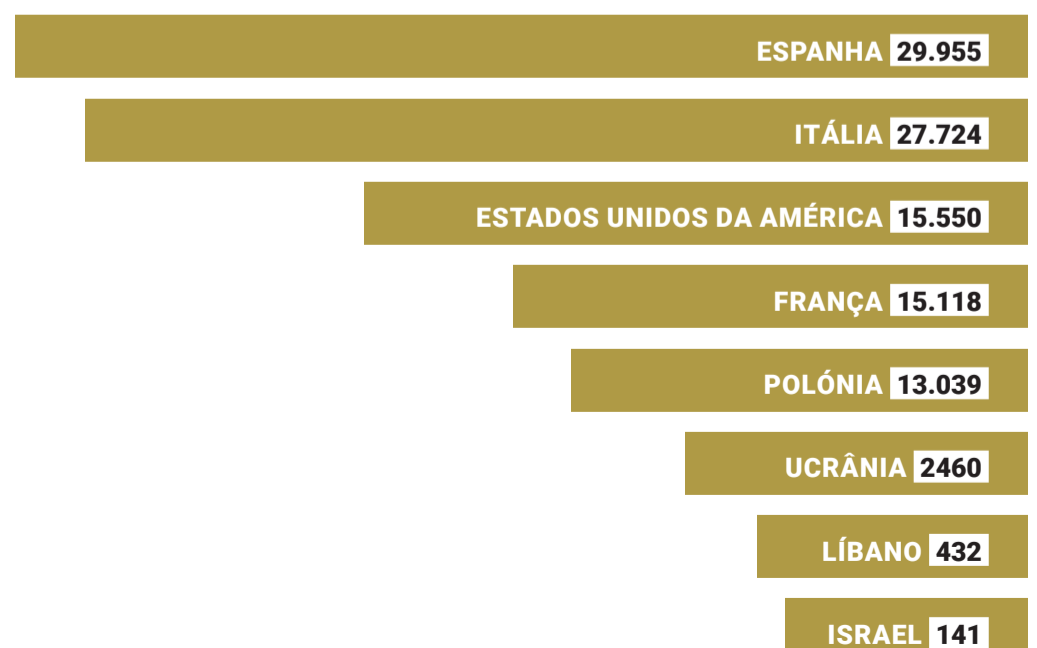
(nº de grupos) Peregrinações



(nº de grupos) Origens



(nº de peregrinos) Origens



#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

**D. José Ornelas
Carvalho**

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

Também disponível em:



“O Santuário de Fátima é um bom exemplo de sinodalidade na forma de atuar e na forma de ser: uma Igreja que é tecto e abrigo, que tem um pilar e está aberta a todos”

O bispo de Leiria-Fátima, enquanto presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, participou nos trabalhos da XVI Assembleia do Sínodo sobre sinodalidade, que decorreu em outubro em Roma. No dia 28, na conclusão dos trabalhos, foi apresentando um relatório síntese onde são oferecidas reflexões e propostas sobre temáticas como o papel das mulheres e dos leigos, o ministério dos bispos, o sacerdócio e o diaconado, a importância dos pobres e migrantes, a missão digital, o ecumenismo e os abusos..

Carmo Rodeia

Para a humanidade à beira do abismo, o que aconteceu nas últimas quatro semanas em Roma é um sinal de esperança: primeiro, para a Igreja que mostra não ter medo das novidades que possam ser sopradas pelo Espírito Santo, mas também para o mundo pois a reunião de homens e mulheres de tantos carismas, com tantas diferenças entre si mostrou que ainda é possível dialogar, acolher o outro, deixando de lado protagonismos que possam agudizar as polarizações, que são evidentes.

No Podcast #fatimanoseculoXXI, D. José Ornelas Carvalho explicita o papel de Fátima como exemplo de sinodalidade na forma como está organizado do ponto de vista da corresponsabilidade funcional, mas também na mensagem que aqui difunde, de que o mundo pode ser melhor se houver conversão dos corações.

“Os santuários jogam aqui um papel muito importante. A imagem da Capelinha das Aparições, que o Papa aqui recordou: uma Igreja sem janelas e sem muros, com colunas e pilares e com tecto, para acolher todos. Esta é a ideia principal de um sínodo: todos temos lugar; todos devemos fazer caminho conjunto; todos temos de ter disponibilidade para a missão”, refere o bispo diocesano.

“Se olharmos para a geografia física do santuário: está sempre aberto para todos os que aqui chegam e vêm em peregrinação; mas as suas ‘portas’ estão igualmente abertas para que, uma vez feita a experiência, todos possam regressar às suas casas levando mais consigo”, afirma D. José Ornelas.

“Esta é a imagem da Igreja, uma Igreja em caminho disponível para a missão” esclarece ainda.

“O Santuário não é um lugar de estar, é um lugar de vir, de encontrar-se e questionar-se, experimentar, mas depois sair. Pensar a missão de um santuário é diferente de se pensar a

missão de uma paróquia ou de uma diocese, onde se tem de organizar os serviços locais para as pessoas que vêm todos os dias, à mesma hora. Mesmo pensar o processo de decisão do santuário é diferente, porque a missão é outra e é bonita” acrescenta.

“Isto para funcionar tem de ser assim: o Reitor não decide tudo sozinho, como eu como bispo não posso decidir tudo sozinho e quando ouvimos os conselhos é para considerarmos as suas opiniões e não apenas para que sirvam a nossa vontade”.

“O santuário de Fátima tem um Conselho Pastoral; tem o Conselho Económico; tem o Conselho de Coordenação... Lá estão pessoas altamente competentes para se pronunciarem sobre os assuntos e isso tem de ser levado em consideração quando há que tomar decisões. A isto se chama corresponsabilidade que é uma das grandes questões da sinodalidade que discutimos”.

“Se nos fecharmos não dá certo, mas se não for coordenada a orquestra também não funciona. Num coro, nem todas vozes são iguais; eu sou aquela voz que desafina, mas cantando em coro até sou capaz de me integrar numa voz comum. É preciso entender isto: mesmo desafinados, num coro, encontraremos afinação dentro e, depois, há polifonias onde aparece aparentemente um desconforto de um tom diferente mas é o que dá beleza ao canto. Isto é a igreja e o sínodo”, diz ainda.

O prelado sublinha, por outro lado, a própria mensagem de Fátima propicia o exercício da sinodalidade..

“O Santuário é a casa da mãe, onde todos têm lugar, mas quando isso não é possível, a mãe pode ir ao encontro. O santuário de Fátima tem de ter presente esta missão cada vez mais: ir ao encontro de quem não pode cá vir por uma razão ou por outra e isso faz-se através do ambiente digital, que serve de instrumento, mas também de es-

paço comunitário”.

“Maria de Fátima, como Maria de Nazaré, é chamada a cuidar, a acompanhar e a consolar, como Maria de Nazaré fez com o seu filho. Temos mais de um terço de crianças vítimas de guerra, de fome e de tantas injustiças. Isto passa por Fátima e tem de tocar Fátima”.

O bispo D. José Ornelas neste podcast #fatimanoseculoXXI fala, ainda da sua experiência em Roma e da participação na Assembleia Sinodal.

“A capilaridade desta Assembleia, que tocou todos os continentes, ajudou a esclarecer o que está em causa: não se tratou de uma auscultação sobre o tema que era a sinodalidade, mas de pensarmos juntos, vivermos juntos, caminharmos juntos e discernirmos juntos para, corresponsavelmente, partirmos em missão juntos”.

“A própria estrutura da sala, em mesas redondas, em que o Papa estava nas sessões mas apenas com a cadeira necessária para a sua condição de saúde, presidindo mas sem se distanciar de ninguém...As unidades estão em diálogo e todas valem e contam, mas cada uma no seu carisma. Era uma imagem bonita e inspiradora”.

Nesta conversa, o prelado explicita ainda que o sínodo “não é para tomar decisões” mas para restaurar permanentemente o caminho.

“Quando se fala de uma perspectiva sinodal verdadeira inclui-se tudo: a questão da responsabilidade e da autoridade dentro da Igreja. A igreja não vai ficar igual; já não está igual; na própria reunião não foi igual”.

“Não precisamos de ir todos ao mesmo ritmo e até se pode concluir que as questões culturais ou sociais ou históricas pesam outro tanto que exigem que uma solução para uma determinada igreja local não serve para outra mas cada uma ter dentro deste caminho conjunto, a possibilidade de se transformar numa comunidade viva e participativa”, diz ainda.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Procissão do adeus

Entre as grandes manifestações da piedade popular da Igreja, a procissão do adeus é típica de Fátima. Criada espontaneamente pela massa de peregrinos que, logo na primeira década após as aparições acorreram à Cova da Iria, este rito de despedida tornou-se num dos símbolos mais marcantes de Fátima.

Texto redigido a partir do artigo "Procissão do adeus", da autoria de Carlos Cabecinhas, publicado na Enciclopédia de Fátima.



A procissão do adeus, cumprida na caminhada que acompanha a Imagem de Nossa Senhora do altar do Recinto de Oração até à Capelinha das Aparições, na conclusão das celebrações de cada Peregrinação Internacional Aniversária, é uma manifestação da religiosidade popular própria de Fátima.

Os primeiros registos que dão conta deste rito de despedida da Virgem de Fátima datam de 13 de maio de 1925, quando o facto da Missa se ter passado a celebrar no pavilhão dos doentes, permitiu uma procissão da Capelinha das Aparições para o lugar da ce-

lebração e, de igual modo, no percurso inverso. No mês seguinte, o padre Manuel Nunes Formigão viria a denominar esta procissão como "o último ato oficial da peregrinação", mas só em maio de 1930 viria a ser designada como procissão do adeus.

Este rito de despedida dos peregrinos a Nossa Senhora é caracterizado pelo acenar emotivo de lenços brancos na direção da Imagem, num trajeto que, atualmente, é acompanhado pelos cânticos: "Senhora, nós vos louvamos", no início; o canto da "Salve Regina", no final; e, durante o percurso, "O Adeus final", que é

um dos elementos mais característicos desta manifestação.

O cântico do "Adeus final", também conhecido pelo "Adeus de Fátima", foi escrito pelo padre Higinio Lopes Pereira Duarte, a partir do cântico francês "il faut partir", que o sacerdote ouviu numa peregrinação à Terra Santa, em 1933. A letra e a pauta do cântico viriam a ser perpetuadas na edição e julho de 1934 deste jornal (na foto).

Por personificar a devoção popular a Nossa Senhora típica da Cova da Iria, a procissão do adeus é, manifestamente, uma protagonista de Fátima.

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 1128-OUR.II.231 | Autor desconhecido, 1954-1958
Prata e prata dourada batida, fundida, incisa, puncionada e soldada;
gemas lapidadas e engastadas | 201,5 x 19 x 9,5 cm



Báculo de D. João Pereira Venâncio

O báculo, em prata e prata dourada, apresenta haste lisa, dividida em quatro segmentos e rematada por nó, achatado e formado por dois frisos de folhagem intercalados por friso dourado ornado com ametistas. Do nó erguem-se duas folhas, das quais parte a crosse, preenchida por friso floral, inciso, e por dois filetes dourados, de onde emergem folhas que ritmam o acentuado enrolamento deste constituinte do báculo. Sensivelmente a meio do comprimento da crosse, destaca-se um grifo, animal fantástico cujo desenho se inspira na gramática medieval e de cuja boca parte um último enrolamento, apenas dourado e terminado em volumosa folha também ela inspirada nas iluminuras dos códices medievais.

Apesar de se desconhecer a data em que o báculo foi entregue ao Santuário de Fátima, é conhecido que este foi oferecido a D. João Pereira Venâncio, na qualidade de bispo de Euzébio, por um grupo de amigos de Monte Redondo, de onde o prelado era natural.

Museu do Santuário de Fátima

Fragmento do Muro de Berlim no Santuário de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

No perímetro do Recinto de Oração do Santuário de Fátima, na entrada situada sensivelmente a meio, no lado Sul, encontra-se um fragmento do Muro de Berlim, ali erigido como sinal da relação da Mensagem de Fátima com a paz no mundo, designadamente com as transformações geopolíticas da Europa relativas à queda do Muro de Berlim que, entre 13 de agosto de 1961 e 9 de novembro de 1989, dividiu a Alemanha com as consequências políticas e religiosas que essa divisão comportava para o mundo.

O módulo do Muro, que pesa 2600 kg e mede 3,60 m de altura por 1,20 m de largura, chegou a Fátima por ação de Virgílio Casimiro de Sousa Ferreira, emigrante português que se empenhou na demanda de dotar o Santuário de Fátima com este expressivo símbolo, o mesmo ofertante que, por ocasião da vinda de João Paulo II a Fátima, em 12 e 13

de maio de 1991, quis oferecer a este romano pontífice um terço feito com pedras do mesmo Muro, peça que ficaria no Santuário da Cova da Iria e integraria o espólio do seu Museu.

O segmento do Muro de Berlim foi arquitetonicamente enquadrado por José Carlos Loureiro e inaugurado no dia 13 de agosto de 1994. Junto ao monumento, encontra-se uma inscrição que, usando as palavras que João Paulo II proferiu na Capelinha das Aparições na sua peregrinação a Fátima de 1991, se estabelece como clara legenda para a leitura espiritual da peça: «Obrigado, celeste pastora[,] por terdes guiado com carinho maternal os povos para a liberdade!». A inscrição alude, assim, ao facto de a Mensagem de Fátima se referir ao decurso da História e de a história de Fátima se cruzar com os destinos da humanidade.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Gosto da história do cego de Siloé, aquele que Jesus curou e que, quando questionado sobre os pormenores da sua cura, é apenas capaz de constatar o facto (ele, que era cego de nascença, agora vê), mas sem saber quem o curou ou porque o fez (João 9). Esta história fala-me de uma certa estranheza no ato de acreditar. A fé tem, na verdade, algo de intraduzível. A fé tem simultaneamente algo desta evidência da cura e da incerteza sobre o processo terapêutico. Não posso não acreditar, mas não o posso traduzir numa formulação matemática doutrinal.

Um sínodo em Siloé?

“Desejar acreditar descreve bem o estado de alma da igreja e do mundo hoje...”

A aventura sinodal da igreja incarna em comunidades de fé e num mundo profundamente caracterizados pela indiferença. Não há receitas pré-estabelecidas para o testemunho do evangelho num mundo tão pouco interessado em deixar-se questionar. É aqui que a história do cego de Siloé se dá como metáfora para os nossos tempos. Noto, antes de mais, que não foi o cego quem pediu a cura para o seu mal. Na verdade, na narrativa, só o ouvimos falar bem depois de ele estar curado. O cego sem nome está ali e Jesus passa com os seus discípulos e eles vêm-no entregue à sua cegueira e interessam-se por ele, com uma estranha curiosidade sobre o seu sofrimento (talvez não tão distante dos nossos

debates eclesiais sobre o andar do mundo). Os discípulos perguntam a Jesus sobre as razões do sofrimento daquele cego: «Quem pecou?». E Jesus responde como que a dizer que a pergunta dos discípulos falha o âmago da questão: «Nem ele, nem os pais...». O âmago da questão diz-se cuspidno no chão e sujando as mãos com a lama e tocando com amor a crise daquele homem cego. É o que faz Jesus. O âmago da questão não está nas razões existenciais, mas na própria existência dos que nos rodeiam. A aventura sinodal não é apenas um evento em que as razões existenciais se discutem, mas um estilo de vida que se faz de um quotidiano sujar das mãos e tocar as crises que vivemos nós mesmos e que

acolhemos hospitaleiramente do mundo.

Gosto sobretudo do final da história do cego de Siloé. Depois de se lavar na piscina e de se curar, depois do interrogatório e da condenação que lhe fazem os judeus, o homem que fora cego volta a encontrar Jesus com quem ele tinha estado, mas que, na verdade, nunca tinha visto. Jesus pergunta-lhe se ele crê no Filho do Homem. A resposta do homem que fora cego desarma-me: «E quem é, Senhor, para eu crer nele?». E quando Jesus se dá a conhecer, o homem prostra-se na fé: «Eu creio, Senhor!». Há um desejo da fé, mesmo na escuridão profunda. Estou em crer que desejar acreditar descreve bem o estado de alma da igreja e do mundo hoje, mesmo (ou talvez

sobretudo) na profunda indiferença que nos caracteriza. O cego de Siloé acredita poder acreditar ainda antes de saber no quê ou em quem. É como se o encontro com aquele homem das mãos sujas de lama a tocar-lhe a sua crise despertasse nele um lugar de inquietação. Jesus toca-lhe esse lugar da fé latente. Desperta-lhe uma fé que o habitava já. A fé é um despertar inquieto, uma sede de vida. Habita-me antes de eu ter dela consciência. Se assim compreendermos a fé, como uma sede de vida que se cava em cada pessoa de forma única, talvez o testemunho a que a igreja sinodal é chamada seja menos pensada em termos de oferta de um conteúdo e mais em termos de partilha de vida.

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Como recuperar uma página destruída? Quando a tensão entre os elementos que habitam um determinado espaço atinge um extremo, o caos sobrevém à ordem de maneira destrutiva, e a anarquia corrói tudo. Qualquer ideia de vitória neste jogo de forças é destituída de sentido, porque tudo se perde ou, no mínimo, fica gravemente comprometido.

Quando os corações e as mentes se petrificam por convicções cegas, pelo ódio ou pela ganância de domínio, esta parece ser uma verdade difícil de acreditar.

A única humanidade que habitamos, é um lugar de profundos paradoxos: ao mesmo tempo que decorre a Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos em prol de uma Igreja mais sinodal, rebenta o conflito na terra-berço das religiões que têm por seu Deus o Deus da Paz. Neste mês em que a Igreja convida a contemplar a eternidade com Todos os Santos e com os Fiéis Defuntos, essa não é tarefa fácil

Vislumbrar o céu em tempos de guerra

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

diante das barbáries que se multiplicam. As notícias dão conta de uma nova guerra que começou não tendo outra(s) ainda cessado, e, sendo esta última, igualmente intensa, dramática e irrazoável na agressividade da ofensiva e das consequências. Sobre os termos que dizem respeito à sua geografia, há uma tremenda contradição: terra santa, exclusão, príncipe da paz, discórdia, promessa, guerra, massacre, Jerusalém celeste.

Que pertinência há em pensar na eternidade quando a humanidade e a Casa Comum está a ser destruída? Como se pode acalentar a ideia de 'fraternidade universal' e de 'Céu', enquanto condição de comunhão plena, diante de cenários tão fraturantes? Que esperança pode haver, quando os sinais desta viragem de época, evocando anteriores holocaustos, parecem indicar que a humanidade não aprende com a História?

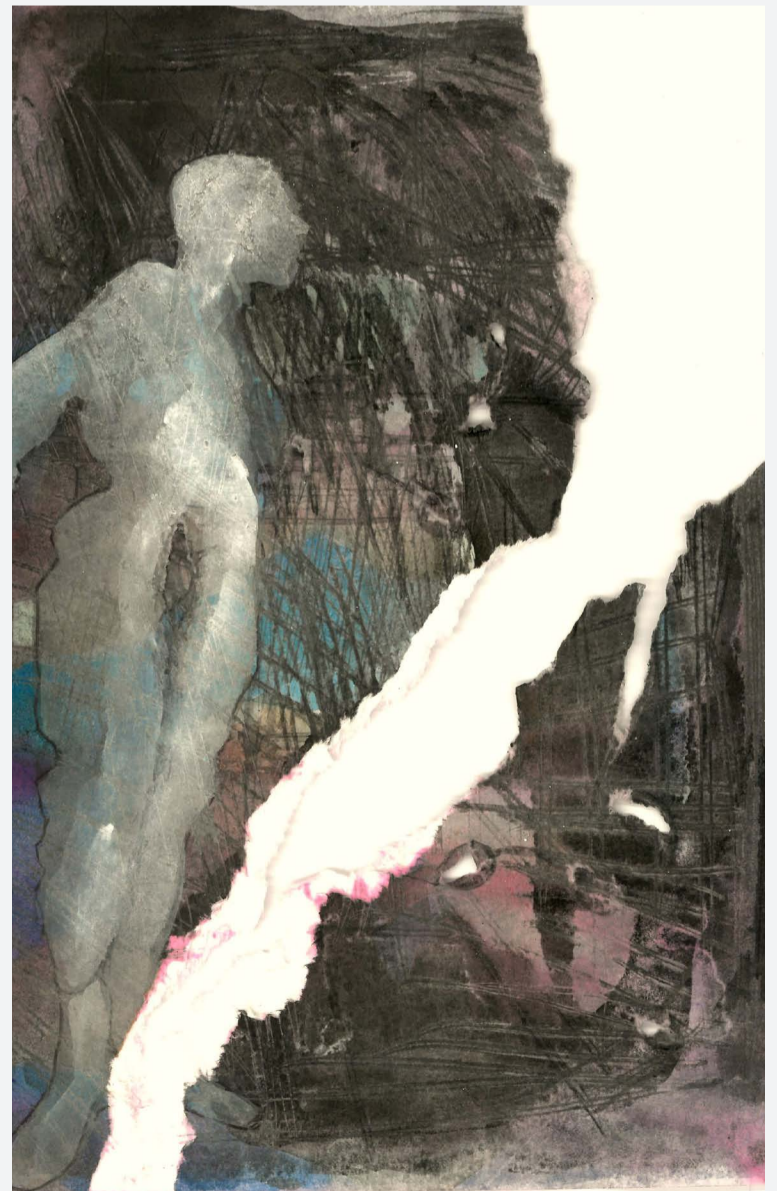
Para o jubileu do Ano Santo de 2025, sob o mote «Peregrinos da Esperança», o Papa Francisco parece desafiar ao exercício da Esperança cristã, que os tempos reclamam.

Em meio do terrível Holocausto do sec. XX, escreveu Etty Hillesum: «Por vezes é quase impossível aceitar e entender, Deus, o que as tuas imagens e semelhanças, neste mundo, andam

a fazer umas às outras nestes tempos de excessos. Contudo, não é por causa disso que me fecho no meu quarto, Deus [...]. Tento rastrear continuamente o nu e pequeno indivíduo que frequentemente não é fácil de reconhecer pelo meio das ruínas monstruosas dos seus atos sem sentido» (Diário, 29 de maio de 1942). E noutra página, afirma: «É a única coisa que podemos preservar nestes tempos, e também a única que importa: uma parte de ti em nós, Deus. E talvez possamos ajudar a pôr-te a descoberto nos corações atormentados de outros» (Diário, 12 de julho de 1942).

É pela esperança que somos salvos. Esta esperança é princípio de paz para a humanidade e porta de eternidade. O Céu é dádiva, acolhida por corações e por mãos que perseveram e cuidam da esperança, dentro de si e nos outros, qualquer que seja o contexto. Quantos mártires não acolheram o Céu e o abriram a outros em meio da guerra, dando (a) vida em razão desta esperança, que vem de nos sabermos salvos, porque amados?

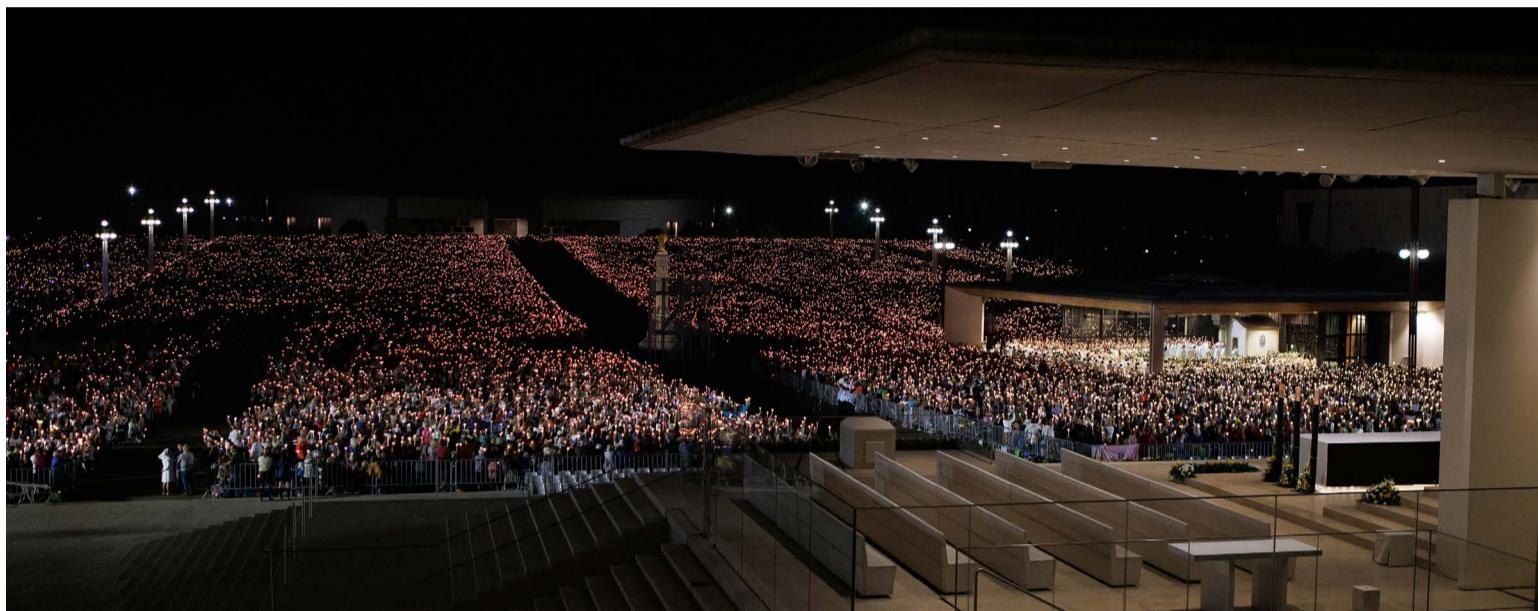
Em meio de uma guerra sangrenta a Mãe do Príncipe da Paz apareceu na Cova da Iria a falar de Céu e a abrir um caminho de esperança, feito de oração e de consentimento à vontade de Deus.



“No coração da mãe todos cabem”, afirma Cardeal Américo Aguiar em Fátima

O novo bispo de Setúbal presidiu em Fátima à última Peregrinação Internacional Aniversária do ano e recordou quem está a “fugir da guerra”.

Carmo Rodeia



Na segunda vez que preside a uma Peregrinação Internacional Aniversária e depois de ter sido feito cardeal da Igreja Romana, D. Américo Aguiar deslocou-se à Cova da Iria para lembrar aos cerca de 300 mil peregrinos que ali se deslocaram, para assinalar o 13 de outubro, de que a paz exige uma oração “contínua e consistente” pelas inúmeras vítimas inocentes que todos os dias perdem a vida na Ucrânia, no Médio Oriente ou no Mediterrâneo.

“A esta hora que estamos aqui, mais ou menos descansados, contentes e felizes, há crianças, homens, mulheres, idosos, a fugir na terra de Jesus, a fugir da guerra, da morte, da violência”, disse o novo cardeal português,

na homilia da missa conclusiva das celebrações de outubro, na Cova da Iria.

O presidente da Fundação JMJ Lisboa 2023, bispo de Setúbal, afirmou que “não está tudo bem”, contrapondo o lema que se ouviu durante a pandemia, “vai ficar tudo bem”.

O cardeal português pediu aos milhares de peregrinos presentes no recinto de oração de Fátima para rezarem: “gritemos à Mãe do Céu que queremos paz”. “Que a paz saia da nossa boca, das nossas palavras, mas também do nosso coração. Agora que a Mãe do Céu ouviu o nosso grito de paz, sejamos nós também construtores dessa mesma paz”, acrescentou.

Neste contexto de pedido de paz, D. Américo Aguiar disse que não podiam “esquecer” o Mar Mediterrâneo, recordando a recente visita do Papa a Marselha, no final de setembro. “Há homens e mulheres que sonham construir as suas vidas nesta Europa que para eles é um sonho novo. Que sejamos capazes de converter esse cemitério numa autoestrada de amor que permita a construção de sonhos, de famílias, de alegria e de felicidade nesta velha Europa que somos”, desenvolveu elegendo Fátima como um espaço modelar para a Igreja e para o mundo.

“Em Fátima não há estrangeiros, nem fronteiras”, afirmou. “Não vejo uma multidão de pessoas, mas sim um sem número de homens, mulheres, jovens e crianças que dão testemunho de uma fé inabalável”, explicou aos peregrinos, de entre os quais se destacaram 114 grupos de 32 países.

“Queridos peregrinos, Fátima sois vós”, afirmou D. Américo Aguiar na homilia, na qual declarou que, hoje, Jesus não entregaria “a chave do Reino dos Céus”, mas uma password (palavra-chave). “A password do Reino dos Céus é amor”. E, acrescentou: “Perguntaram a pobres e sem-abrigo de Roma o que esperavam do Sínodo, da Igreja; eles responderam: ‘mais amor’. É isso que queremos: sejamos amor”. No final da sua reflexão, o presidente da Peregrinação Internacional aniversária do 13 de outubro reforçou o seu pedido de orações pela paz: “Que sejamos paz, todos e cada um”.

“No coração da Mãe cabem sempre todos” – D. Américo Aguiar

Na noite do dia 12, o presidente da Peregrinação Internacional Aniversária dirigiu-se aos peregrinos, que acorreram a Fátima “com as suas alegrias e dores, unidos na condição de ‘filhos’ ao encontro de uma Mãe “sempre de braços abertos, no seu Santuário”.

Perante milhares de pessoas reunidas no recinto de oração do Santuário, o novo cardeal português evocou a experiência da Jornada Mundial da Juventude que decorreu em Lisboa, de 1 a 6 de agosto, sob a presidência do Papa Francisco.

D. Américo Aguiar agradeceu às dioceses nacionais, aos jovens portugueses, que “tanto fizeram”, nos últimos anos, para dar vida à Jornada Mundial da Juventude: “Muito obrigado a todos os jovens e a todas as dioceses do nosso país”, declarou, numa passagem da homilia saudada pela multidão com uma salva de palmas. O bispo eleito de Setúbal sublinhou que o Santuário de Fátima e o seu reitor foram “inexcedíveis” no apoio à JMJ. “Muito obrigado a todos e cada um pela entrega e os sacrifícios que fizeram”, declarou. O cardeal evocou a experiência do Sínodo, em curso no Vaticano, para pedir que esta fosse “uma noite de oração e uma noite de escuta”.

“A guerra nunca se justifica” D. Américo Aguiar

No final das celebrações de outubro, o cardeal português D. Américo Aguiar falou aos jornalistas e afirmou que a guerra entre Israel e a Palestina surgiu num momento “estranho”, apelando ao fim da violência que ameaça as populações.

“A guerra nunca se justifica. A violência e a morte nunca se justificam”, referiu aos jornalistas o novo bispo de Setúbal que voltou a citar o Papa para denunciar a “globalização da indiferença”, perante as várias guerras.

“Já estamos mais ou menos indiferentes à Ucrânia, ao Sudão, à República Centro-Africana e a tantos outros conflitos, que como diz o Papa Francisco são uma terceira guerra mundial aos pedaços”, advertiu.

O responsável português considerou que o novo conflito entre Israel e a Palestina veio servir “outros cenários”. “Foi o que me pareceu e o que senti. A certeza que tenho é de que, no fim de tudo, quem apanha são os mesmos do costume: as crianças, os frágeis, os últimos, que infelizmente a esta hora estão a correr”, indicou.

“A circunstância não foi ocasional”, acrescentou, sem querer apontar o dedo à Rússia, por entender que “a paz não se constrói contra ninguém”.

“A história da Terra Santa tem milénios, com desproporção de reações ao longo dos séculos”, admitiu.

D. Américo Aguiar sublinhou que “todos estão a trabalhar” pela paz, do Papa à diplomacia da Santa Sé, admitindo que a situação “não é fácil”.

“Tenho conhecimento direto de que tudo está a ser feito, em muitos patamares, em muitos tabuleiros, para que a paz possa acontecer. Infelizmente, também o sabemos, a guerra é útil para muitos”, afirmou.

D. Américo Aguiar oferece báculo e anel cardinalício a Nossa Senhora, pedindo a “sua muito especial intercessão pela paz”

“Este báculo foi-me oferecido pela Cáritas de Jerusalém, em Belém, por ocasião da minha visita em julho passado por causa da JMJ Lisboa 2023. Ofereço-o a Nossa Senhora, pedindo-lhe a sua muito especial intercessão pela paz na terra de Jesus, na Ucrânia e em tantas outras geografias e corações”, disse D. Américo Aguiar.

D. Américo Aguiar, presidente da Fundação JMJ Lisboa 2023, que coordenou a primeira edição internacional de uma Jornada Mundial da Juventude em Portugal, para além do báculo, deixou também “à Mãe do Céu” a cruz episcopal JMJ e o seu anel cardinalício. “Faço-o como sinal de gratidão pelo apoio incondicional de Nossa Senhora ao que foi a JMJ: preparação e vivência e o que terá de continuar a acontecer nos corações dos jovens peregrinos”, assinalou o cardeal português que acabou por deixar ainda o solidéu e o lenço branco que utilizou na Procissão do Adeus

“Se a única coisa que as nossas dioceses, as nossas paróquias e as comunidades têm para propor aos jovens for a missa ao domingo às 11h00, temo que não vá correr bem”

O cardeal, novo bispo de Setúbal, presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de outubro. Numa entrevista ao jornal Voz da Fátima faz um balanço da JMJ e dos desafios que deixa à Igreja em Portugal, mas também da necessidade da Igreja portuguesa saber ler os sinais dos tempos, no que respeita à organização e à resposta pastoral que dá. Fátima, tal como os santuários em geral, é vista como uma alavanca de uma renovação pastoral. D. Américo Aguiar fala ainda da guerra e da paz e da globalização da indiferença a que a falta de conversão pessoal deu origem, fomentando o individualismo.

Carmo Rodeia

Olhando para o mundo tal qual como está consegue vislumbrar condições para uma solução de paz definitiva ou pelo menos duradoura?

Infelizmente, tenho alguma dificuldade. A guerra tem sido um expediente vulgarizado por parte de lideranças políticas para atingir fins e objetivos que nem sempre são perceptíveis para a opinião pública.

Se fomos ler os livros de História, depois, tudo se torna claro, porque o que estava em causa era um conjunto de acordos conjunturais que resultam das vontades do momento. E, a verdade, é que a Europa se vai habituando e vulgarizando o ambiente da guerra, e, como diz o Papa, assiste-se a uma globalização da indiferença.

Quando vamos ao terreno, deparamo-nos com uma situação real, a condição humana que nos mostra o verdadeiro lado da guerra.

Quando cheguei à Ucrânia, deparei-me com o funeral de um soldado. E penso no que o seu filho pequeno vai pensar e fazer no futuro: vai querer vingar a morte do pai e a sua dor. E dali nascerá o ódio e o desejo de vingança e a guerra não tem fim.

A vingança é mais forte que o amor?

Quando olhamos para a Terra Santa, a terra prometida, ao que é que assistimos?

A este olho por olho, dente por dente, que tem por detrás de si este desejo único de vingança. Quando estou com poder esmagar-te; quando tu ficares com o poder esmagar-me tu. Hoje, de facto há uma normalização do que é a guerra e a violência. Veja o que tem sucedido em Portugal, com gestos mais violentos...

É a ambição do poder que corrompe o coração humano?

Estou convencido de que quando o Homem dispensa Deus tudo fica pior. Há um ocupar do coração com outras coisas... O Homem perde a noção de que é uma criatura e assume o lugar de Deus e a sua ambição cega-o. Estou convencido disso.

Na peregrinação de outubro pediu aos peregrinos que gritassem pela Paz. Um grito que desceu do Céu em Fátima há cem anos, e agora pode lá ter ecoado outra vez. O que é que nós ainda não percebemos ou não conseguimos explicar e espalhar?

Tudo tem de começar em cada um de nós. Nós podemos culpar tudo e todos, mas tudo tem de começar no nosso coração, nas nossas relações. Nós próprios, na nossa vida, no dia a dia, não somos propriamente promotores da paz pelas mensagens que enviamos, pelo que dizemos ou deixamos de dizer, pelo que se consta, pelo que se disse ou deixou de dizer... Vamos também alimentando uma certa guerrilha. O que quero dizer é que nós temos de nos converter. Temos de agarrar as chaves do Céu, usando essa password do amor. No contexto da Jornada, o Papa apelava à “revolução da ternura”, que os jovens pela sua simplicidade são capazes de promover. Eles mostraram isso na JMJ, independentemente da geografia, da maneira de ser: juntaram-se em torno de Deus e do seu amor.

Mas isso foi o que vimos num evento. Como transfigurar esse evento na realidade quotidiana? Se olharmos para o mais recente conflito, em escalada de violência, vemos

jovens de pedras na mão ou de armas a lutar uns contra os outros, na Faixa de Gaza, na terra prometida...

Nós todos os dias temos possibilidade de fazer o bem ou o mal, de tomarmos a opção da guerra ou da paz. Durante a JMJ tentámos sentar à mesma mesa jovens da Ucrânia e da Rússia... Era bonito, mas ainda não era o tempo. Poderia ter dado boas imagens mas não teria consequências. Não conseguimos perdoar a quem nos faz mal; não conseguimos tolerar quem pensa de maneira diferente da nossa... Os opostos não se entendem. É preciso tempo, cicatrização... E, isso é um processo muito humano. Se é certo que o Evangelho nos diz para perdoarmos 70x7, na verdade, para o fazermos, precisamos de tempo e somos humanos. Não esquecemos com tanta facilidade nem temos disponibilidade para tanto. Nem sempre somos bons alunos.

E, pelos vistos, também não somos bons professores... Qual é o valor do perdão?

Há um ruído que me incomoda e que assenta numa meritocracia inicial. Desde que começam a perceber-se como gente, as crianças são instigadas a serem os melhores, ser o único e o primeiro e isso não ajuda muito. Continuamos a cultivar estes sentimentos, por isso, é muito importante que nos questionemos sobre o que andamos aqui a fazer, e isso é percebermos a alegria do Evangelho. Há uma urgência no acerto de comunicação. Nós estamos a falar e não nos entendemos... Nem os jovens nos entendem a nós nem nós os entendemos a eles.

Qual é, então, o caminho?

Os jovens estão disponíveis para a missão, para o trabalho. Como naquela imagem medieval em que se juntam os homens todos para construir uma catedral. Os jovens de hoje são de uma generosidade sem limites para a missão e quando nós tocamos o sino vêm todos; quando o fazemos para a oração, para uma zona porventura mais cinzenta, académica ou de reflexão, já temos mais dúvidas. Por isso, o caminho é escancararmos a porta da missão e, depois, quando os jovens estão empenhados e comprometidos levá-los a conhecer o resto: a amar, a respeitar e aí descobrirem o Cristo vivo. Isto implica muitas mudanças.

Se no nosso país, a maioria dos bebés que nascem não são batizados, se grande parte dos casais não casa na Igreja, dentro de muito pouco tempo temos toda a gente fora e isso colocamos em alerta vermelho... Para quem ainda não despertou isto coloca-nos numa realidade muito difícil, que foi acelerada pela pandemia. O regresso tem de ser diferente.

Estamos a falar para dentro e não para fora?

Julgo que sim. Há uma certa predisposição numa certa geografia existencial e geográfica para uma dita pastoral da manutenção, que acaba a engordar os que estão dentro... A mim causa-me estranheza, e até alguma dor, quando o Papa nos lembra todos os dias de que a Igreja é de “todos, todos, todos”, que alguns ainda não o aceitem e que alguns ainda queiram que não seja assim, ou ofereçam resistência a que seja assim. E, repare, “todos, todos, todos” não é igual a “tudo, tudo, tudo”. Os pais e os amigos que nos respeitam

e nos amam não estão sempre de acordo, não pensam tudo da mesma maneira, nem nos dizem sim a tudo. Tentam ajudar-nos a caminhar, como o feijão e a estaca: é preciso alguma ajuda mútua. E eu noto que o “todos, todos, todos” causa alguma alergia. Não pode ser, porque o Evangelho é para todos e não só para alguns. Não podemos estar às portas do primeiro quartel do novo milénio com ideias mofas ou medievais, de que o anúncio do Evangelho é para pessoas especiais ou para uma casta...

Há dois verbos que são essenciais: escutar e considerar...

Sim, os nossos queridos papas ensinaram-nos o valor do diálogo ecuménico e inter-religioso. Por exemplo, quando me perguntaram o que é que eu esperava do encontro e da participação de jovens de outras religiões na JMJ, eu disse que esse encontro não era para converter ninguém... Lembra-se do que disseram? A conversão é feita no coração de cada um. Estou é convencido, é a minha esperança, de que estes jovens que acederam ao convite de um Cristo Vivo se encontrem com Ele e se deixem converter; possam eles próprios perceber que o caminho é este não por imposição ou proibição de outros caminhos, mas por opção dos próprios.

Proponho que regressemos à JMJ. O Senhor, Portugal e o Vaticano conseguiram mobilizar a Juventude para que todos cá tivessem estado. Foi um acontecimento maravilhoso! Mas o que sobra do evento?

Desejo e rezo para que a sementeira dê frutos e que a Jornada seja um ponto de partida. Muita semente foi lançada à terra...

“Fátima é inultrapassável, gostemos ou não. Há pessoas que vêm a Fátima só para celebrarem o sacramento da Reconciliação e por isso este serviço que o Santuário presta é inestimável. Este é um exemplo da importância do Santuário.”

CARDEAL AMÉRICO AGUIAR



Conhece a Igreja e conhece os jovens e a sua missão fazedora. Há possibilidade de ambas as vontades coincidirem?

Pois... aí eu tenho dito e repetido, de forma provocadora: se a única coisa que as nossas dioceses, as nossas paróquias e as comunidades têm para propor aos jovens for a missa ao domingo às 11h00, temo que não vá correr bem. Absolutamente, não vai correr bem.

Há algo que é muito evidente depois destas jornadas: os jovens precisam da nossa disponibilidade para os acompanharmos. A grande diferença está aqui: não é no domingo às 11h00, mas na sexta-feira à noite, na segunda à tarde e por aí fora. É quando for; por isso, tenho apelado aos sacerdotes, que estão responsáveis pela pastoral da juventude, que se libertem de todas as amarras e tenham esta disponibilidade para os jovens, que é o que acontece com a pastoral junto de movimentos e junto de congregações e nem sempre acontece ao nível diocesano.

É fundamental que os agentes pastorais ligados à juventude tenham disponibilidade para acompanhar estes jovens no caminho.

O que é que hoje teria feito de diferente na preparação da JMJ?

A Jornada de Lisboa corrigiu algumas opções da do Panamá e estou certo de que haverá correções em Seoul. Também tenho consciência de que as dioceses que receberam os símbolos em primeiro lugar tiveram mais dificuldade em manter a chama acesa do que aquelas onde os símbolos passaram já em cima da Jornada. O que é importante é que nada disto tenha sido um fogacho. O dar seguimento é como pôr o guiso no gato. Nós fizemos o trabalho no terreno, alguns conseguiram superar-se, mas o desafio é este: sermos capazes de dar continuidade à Jornada Mundial da Juventude, para não ouvirmos em 2030 o que ainda hoje ouvimos em Madrid.

O que é que guarda para si que mais o tenha marcado?

Há dois momentos: a visita dos símbolos à cadeia de Lamego. Nesse momento, no pátio da cadeia, murado com muros tão altos, vi rostos transfigurados diante dos símbolos e isso tocou-me.

O outro momento foi a descida do Rio Douro, e a chegada à Ribeira do Porto. Foi um miminho especial de Deus.

A JMJ foi um exercício de sinodalidade pelo percurso, pela metodologia e pelo tempo... O que espera do sínodo que estamos a viver em Roma, na dialética entre os que esperam tudo e os que não querem nada?

Temos de fazer a diferença entre o sínodo mediático e o real, que não serão a mesma coisa. Haverá sempre expectativas goradas, porque há uns de nós que acreditam que amanhã será outra coisa e eu acho que não irá ser outra coisa; continuamos a ser nós, igreja de Cristo e, por outro lado, aqueles que acharão que se foi longe de mais. Mas, o importante é que continuemos a caminhar, a escutar-nos uns aos outros e a considerar-nos uns aos outros, sem considerarmos que estamos num parlamento, mas abrindo-nos à escuta do Espírito. Este é o desafio maior. Não é o que eu quero mas o que o Espírito Santo sopra e a leitura de quem está ao leme. Por isso, confio inteiramente no Papa.

Mas reconhece que há expectativas, percepções e sobretudo um jogo que se joga na tal bolha mediática...

Sim, temos a questão alemã, temos as posições da Europa central, da América e de outras geografias. Temos muitos gritos e estamos todos à espera de anúncios que podem não aparecer. O Papa já rachou a pressão com uma segunda sessão em 2024...

Corre-se o risco da desilusão e de nova perda de relevância da Igreja?

Corremos, sem dúvida. É aquela questão da indispensabilidade

da missa das 11h00, mesmo que a missa não tenha ninguém... “Mas eu e a minha família sempre nos sentámos aqui desde o século XII e, por isso, queremos continuar aqui.” Se persistirmos neste “sempre foi assim e, por isso, tem de ser assim”, será difícil.

Alguma teimosia em ler os sinais dos tempos pode afastar-nos da realidade?

Sem dúvida; temo bem que sim. Voltamos à conversão: se eu não me quero converter..

Olhando para Fátima, vemos movimentos diferentes com uma mobilização muito significativa, um fenómeno que não é só de Fátima, mas de outros santuários. Como podem os santuários ser agentes de mudança de uma pastoral de manutenção?

Se olharmos para a nossa rede paroquial, ela cheira ao Império Romano e não tem nada a ver com a realidade dos tempos de hoje, nem com a vida das pessoas, nem com os centros de interesse, nem com coisa nenhuma. Isto exige um redesenho que não significa fusão ao jeito das juntas de freguesia mas redesenhar de baixo para cima em função de centros de interesse. Há em Portugal muitos centros de interesse cristãos. No contexto desses centros, há Fátima, que é inultrapassável, gostemos ou não. Há pessoas que vêm a Fátima só para celebrarem o sacramento da Reconciliação e por isso este serviço que o Santuário presta é inestimável. Este é um exemplo da importância do Santuário. Depois, o Santuário tem outro tesouro importante que é a piedade popular que nós às vezes, para mostrarmos que somos modernos, desvalorizamos. As pessoas neste altar do mundo, nesta igreja de todos, sentem-se acolhidas e respeitadas. Se quisermos ser assertivos ao desenhar a pastoral da Igreja portuguesa não podemos deixar de fora os santuários e especialmente o que aqui está a ser feito e que pode vir a ser feito a partir de Fátima.

Guarda promove retiro de doentes

Retiro, organizado em parceria com o Santuário de Fátima e os Servitas, juntou 30 doentes.

Secretariado Diocesano MMF da Guarda

De 7 a 10 de setembro a diocese da Guarda participou no Retiro de Doentes promovido pelo Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) em parceria com o Santuário de Fátima e a Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima. Estiveram presentes 22 doentes da Guarda e 8 doentes de Ansião, além da equipa de voluntários.

A orientação deste Retiro esteve a cargo do padre Francisco Pereira, capelão do Santuário. Esteve sempre atento ao grupo, disponível e com prontidão de escuta e serviço. É com muita expectativa, alegria e espírito de oração que o grupo (voluntários, médico, enfermeira e doentes) participa anualmente, neste Retiro tão gratificante.

O sofrimento junto da Mãe e em oração profunda tem logo outro sentido. As pessoas recebem reforços positivos, quebram a solidão e a fé fica fortalecida. Todos viemos diferentes e queremos ser testemunhas vivas a atuantes nas



nossas paróquias.

Este ano tivemos, pela primeira vez, duas voluntárias e uma enfermeira, que expressaram a sua alegria e agradeceram a possibilidade de colaborar e de se enriquecer espiritualmente com a dinâmica e programa do Retiro, bem como com o contacto e partilha

de experiências com os doentes e restante equipa de voluntários.

Agradecemos ao Santuário de Fátima, ao Secretariado Nacional do MMF, ao padre Francisco, aos dois Servitas toda a preparação prévia e aos participantes deste grupo porque sem se conhecerem uns aos outros possibilitaram um

ambiente familiar, de bastante silêncio em que tudo correu muito bem.

Esperamos, como Secretariado Diocesano, que todos tenhamos contribuído para a caminhada sinodal que a Igreja está a fazer e que “todos, todos, todos” como afirmou o Santo Padre na JMJ, nos

sintamos acolhidos e ao serviço na Igreja que tem de estar sempre de braços e portas abertas para acolher bem.

Partilhamos com todos o testemunho de uma das voluntárias:

“Abordada quase à última da hora para acompanhar doentes num Retiro em Fátima, como enfermeira, foi logo à partida um misto de emoções. Foi de um enriquecimento pessoal e espiritual incomensurável. O silêncio durante as explicações e orações é necessário e foi suficiente. Mas as pessoas, de um modo geral, e os doentes em particular, estão muito carentes de quem as escute, lhes dê atenção, valor, e até um simples toque, um franco sorriso e um largo abraço! Todos ganhámos”.

“Ninguém é tão pobre que não tenha nada a dar, assim como ninguém é tão rico que não tenha algo a receber”.

“Eu recebi muito mais do que dei; estou grata a todos, Graças a Deus”.

Dia do Deserto junta meia centena de pessoas

Dia foi organizado pelo Secretariado Paroquial do MMF da Unidade Pastoral de Conimbriga-Condeixa.

Célia Mota (Presidente do Secretariado Paroquial MMF) | Unidade Pastoral de Conimbriga-Condeixa, Coimbra

O Secretariado Paroquial do Movimento da Mensagem de Fátima, da Unidade Pastoral de Conimbriga-Condeixa, da diocese de Coimbra, convidou os mensageiros e outros interessados a fazerem um “Dia de Deserto” em Fátima, e foi com grande alegria que 53 pessoas disseram “Sim”. Organizado pelo Secretariado Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) o Encontro realizou-se no dia 30 de setembro sob a orientação do padre Agustin Torti.

O “Dia de Deserto” é um dia dedicado ao Senhor, é um encontro que cada mensageiro tem com Deus, através do silêncio, da solidão interior que com alguma penitência o leva a conseguir paz interior, para viver com Deus e permitir que ele entre no nosso coração e assim permitir que os acontecimentos da vida se encham do encanto de Deus.

Iniciámos na Capelina das Aparições onde fizemos a saudação a Nossa Senhora, depois dirigimo-nos para a cruz alta onde se juntou mais um grupo de mensageiros de Fajões da diocese do Porto.

Seguimos em procissão com a cruz de madeira e iniciou-se a



oração do terço a caminho dos Valinhos, sem correrias. Durante a via-sacra pelo Caminho dos Pastorinhos, pudemos fazer silêncio e “viajar até Deus”. Na Loca do Cabeço, lugar propício para nos retirarmos dos barulhos externos, como peregrinos, seguimos rumo a um encontro com Deus, o padre Agustin Torti fez uma breve explicação que nos permitiu aprofundar a Mensagem da Senhora mais brilhante que o sol. Aqui ficámos uns

minutos em contemplação e, depois, cantámos a Oração que o Anjo ensinou aos Pastorinhos: – “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão, para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”.

Seguimos para o Calvário Húngaro, que fica situado no Monte dos Valinhos. O caminho e a capela foram idealizados pelo padre Elias Kardos e pelo padre Luis Kondor, (sacerdotes húnga-

ros). Após a II Guerra Mundial, a Hungria vivia sob o regime comunista e perseguida pela Igreja, então, surgiu a ideia de construir em Fátima um Calvário com 15 estações, pois entendiam que as promessas de Nossa Senhora, contidas na Mensagem de Fátima, também eram para o povo húngaro. Como disse Nossa Senhora a Lúcia: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará e será concedido ao mundo um período de paz”.

A Capela é dedicada a Santo Estevão, primeiro rei da Hungria e foi oferecida pelos católicos húngaros e benzida no dia 12 de maio de 1964, sendo um local que convida ao silêncio, à tranquilidade e à paz de espírito que conseguimos experienciar, pois trata-se de um verdadeiro santuário dedicado à fé e à reflexão e onde cada participante teve oportunidade de fazer a sua oração pessoal.

Regressámos ao Santuário de Fátima e cada mensageiro dirigiu-se à Capela da Reconciliação onde teve a possibilidade de se confessar e, às 15h00, foi celebrada a Eucaristia na Capela da Morte de Jesus.

Às 16h00, visitámos a exposição temporária “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória, o Rosário como caminho para a Paz”.

Regressámos a nossas casas, e durante o percurso alguns mensageiros deixaram testemunhos da sua vivência: “estou feliz e com vontade de voltar de novo”; “foi um dia muito gratificante, um dia de silêncio e de reflexão”; “Deus está e vai nos nossos corações”; “como é bom poder tirar um dia, da correria, do dia a dia e ficar aqui em paz e sossego”.

Secretariado Diocesano de Coimbra retoma peregrinação a Tuy e Pontevedra

Após interrupção no tempo pandémico, peregrinação aos lugares que fazem parte da mensagem de Fátima foi retomada.

Maria Aldina Martins (Vogal Adjunta das Peregrinações) | Secretariado Diocesano de Coimbra

“Um dos maiores talentos que devemos cultivar em nós é o do recomeço. [...] Tudo começa a cada instante. Não importa em que momento da tua vida estás. Esse é o teu ponto de partida”, José Luís Nunes Martins.

Depois de alguns anos de interrupção, em resultado do período pandémico que atravessámos, o Secretariado Diocesano de Coimbra, em colaboração com o Secretariado Nacional, retomou as peregrinações a Tuy e Pontevedra.

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) recebeu como missão promover e viver a Mensagem de Fátima através dos campos de ação pastoral – Oração, Doentes e Peregrinações. No campo pastoral das Peregrinações inclui-se o ciclo cordimariano, com tudo quanto se refere à devoção ao Imaculado Coração de Maria, nomeadamente as aparições à vidente de Fátima, Lúcia, em Pontevedra, em 1925 e 1926, e, em 1929, com a visão que encerra a Mensagem na capela de Tuy. Como as visões da Irmã Lúcia em Espanha fazem parte inte-



grante da mensagem de Fátima, foi promovida entre os dias 29 de setembro e 1 de outubro, uma peregrinação aos locais do ciclo cordimariano que contou com 55 participantes.

Foi uma bênção recomeçar esta atividade vivida com espírito de “retiro itinerante” com um programa de convívio, oração e refle-

xão sobre a mensagem de Fátima à luz da Bíblia, do magistério da Igreja e dos sinais dos nossos tempos. Com tempo e lugar para o diálogo, partilha fraterna e bem-estar, momentos que foram, e são, de fé e de interiorização.

Ainda em Portugal, visitámos a casa da Beata Alexandrina e a Igreja de Balazar, onde celebrá-

mos a Eucaristia. A vivência diária da Eucaristia e do Rosário são pontos essenciais nesta peregrinação, a correria do dia a dia, por vezes, não nos permite usufruir desta graça, e todos os participantes sentiram esta bênção.

Na capela de Tuy, onde se deu a aparição da Santíssima Trindade à Irmã Lúcia, foi proporcionada

do um tempo de adoração e oração pessoal. Na capela da Casa de Pontevedra, onde foi pedida a devoção ao Imaculado Coração de Maria, foi possível perceber através do relato da Madre Superiora que Lúcia também se “enfadava” em certas ocasiões, mas que rapidamente entrava em diálogo quer com a Trindade, quer com as irmãs para superar as adversidades. A santidade é assim, simples como comprova a história pessoal dos três videntes de Fátima.

Seguiu-se uma visita a Santiago de Compostela, e o regresso a Coimbra contou com um almoço convívio em Braga e a visita à Capela Imaculada Nossa Senhora da Conceição do Seminário Menor de Braga.

Agradecemos ao Assistente Nacional do MMF, padre Daniel Mendes, que, de forma simples e sábia, ajudou cada peregrino a viver com maior intensidade os desafios que Nossa Senhora deixou aos Pastorinhos, e que são hoje os desafios de todos os mensageiros.

Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa deu início ao ano pastoral em Lamego

Peregrinação contou com a participação do assistente nacional do MMF, que apresentou o tema do ano.

Secretariado Diocesano do MMF de Lamego

Como já é hábito no segundo sábado de outubro, este ano, no dia 14, o Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) fez a sua peregrinação diocesana ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa, na zona pastoral de Sernancelhe. É a forma de começar o novo Ano Pastoral, entregando nas mãos de Nossa Senhora os trabalhos que agora se iniciam.

O tempo não prometia ser nada agradável (previa-se chuva) e o dia amanheceu escurecido pelo nevoeiro. Contudo, depois da saudação a Nossa Senhora no Santuário e da caminhada para o Recinto das Peregrinações, no momento da celebração da Eucaristia, o nevoeiro desapareceu, dando lugar ao sol, que como afirmou na homília o Cón. João Carlos Morgado, provigário-geral da nossa Diocese, nos fez lembrar o Milagre do Sol, ocorrido em 1917. O Sacerdote fez-nos ainda refletir na necessi-



dade de caminharmos juntos, de acordo com o Sínodo que se está a realizar em Roma, aprendendo com os Pastorinhos que, a partir do encontro com Nossa Senhora, fizeram a experiência de Deus e se ofereceram pela humanidade.

Da parte da tarde, houve uma assembleia em que tomou parte o assistente nacional do MMF, pa-

dre Daniel Mendes, que apresentou o tema deste ano, “Chamados ao Encontro”. Somos chamados a encontrar Cristo na oração, na escuta da sua Palavra e na presença eucarística, para depois encontrarmos e ajudarmos os irmãos que na vida diária precisam de nós. O Movimento da Mensagem de Fátima com os seus setores

lembra-nos que a oração não está desligada da evangelização. Para isso, é necessário termos um Movimento organizado a nível diocesano e paroquial, não agarrado a lugares ou postos, mas empenhado em chamar mais pessoas que possam contribuir para o anúncio da Mensagem de Nossa Senhora.

Foi ainda abordada a importân-

cia da quota que é uma renúncia de cada mensageiro que se traduz em benefícios espirituais, a celebração de uma missa diária no Santuário de Fátima e várias missas na Diocese, além da ajuda nas atividades a nível nacional e diocesano e ainda a ajuda na publicação e expedição do Jornal Voz da Fátima.

A peregrinação terminou com a adoração eucarística no Santuário onde cada um pode experimentar o encontro íntimo com o Senhor a exemplo dos Santos Pastorinhos. O Secretariado Diocesano de Lamego agradece ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa a disponibilidade para nos acolher, bem como a presença dos vários sacerdotes, o provigário-geral que presidiu à celebração da missa e o assistente nacional, padre Daniel Mendes, e de todos os que generosamente ajudaram os peregrinos no Sacramento da Reconciliação.

Artistas “são aliados de Deus” e “construtores de paz” – Joana Vasconcelos

Artista plástica participou na visita temática à exposição “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória”, no Santuário de Fátima.

Carmo Rodeia

A artista plástica Joana Vasconcelos afirmou que os artistas “são aliados de Deus” e que, na sua “função social”, procurando a “beleza e a harmonia”, tentam “construir a paz”.

“Os artistas são aliados de Deus. Quando se está ao serviço de algo maior, alguns de nós temos a função de olhar para o mundo de uma determinada maneira; fazer mais, refletir sobre o mundo e dar dele um novo olhar... Uma espécie de filtro para uma nova realidade, e isso como que dá uma nova versão do mundo”, afirmou a artista durante a última visita temática do ano pastoral de 2022-2023 à exposição “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória”, realizada no dia 11 de outubro.

A artista portuguesa, conhecida internacionalmente, valorizou o contributo dos artistas na construção da paz, tema “presente em Fátima e particularmente na oração característica



de Fátima, o rosário”.

“A beleza, a harmonia e a estética contribuem para a paz, e é essa paz que os artistas tentam construir, como nas contas de

um rosário”, afirmou Joana Vasconcelos, que esteve presente no encontro do Papa Francisco com os artistas, no qual lhes pediu para terem uma “cons-

ciência crítica da sociedade”, denunciando as desigualdades e o egoísmo. “A arte e a fé não podem deixar as coisas como estão: mudam-nas, transfor-

mam-nas, convertem-nas”, referiu Francisco.

“Nunca mais vou ser reconhecida nesta função de leitora da humanidade como fui pelo Papa, quando nos disse ‘eu não posso fazer isto sozinho’ e nos pediu ajuda [...] Por mais ajudas, prémios, comendas, nada igualará este reconhecimento da minha função”, recordou.

A obra ‘Suspensão’, de Joana Vasconcelos, foi instalada em 2017 na vertical, à entrada da Basílica da Santíssima Trindade e inaugurada no dia 12 de maio, pelo Papa Francisco, por ocasião da sua visita à Cova da Iria.

A exposição temporária tem entrada livre e pode ser visitada no Convívium de Santo Agostinho, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30; disponibiliza visitas guiadas e estará aberta ao público até 15 de outubro de 2024.

“Neste momento dramático que o mundo vive, elevemos a nossa oração ao Céu”, pediu D. António Marto

Pela quarta vez, o bispo emérito de Leiria-Fátima associou-se à Fundação AIS numa jornada de oração, para a qual se inscreveram cerca de 790 mil crianças em todo o mundo.

Cátia Filipe

O cardeal D. António Marto presidiu à oração “Um milhão de crianças rezam o terço pela paz”, uma iniciativa internacional da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) que tem o seu centro espiritual em Portugal.

É a quarta vez que o bispo emérito de Leiria-Fátima se associa ao secretariado português da Fundação AIS nesta jornada de oração, para a qual se inscreveram cerca de 790 mil crianças em todo o mundo.

D. António Marto enalteceu o “aspecto de canto e gratiosidade dado a esta oração”, falando ainda do importante testemunho deixado pelas crianças”.

Neste momento celebrativo, o prelado falou ainda da “intenção particular” para que, pela



intercessão de Nossa Senhora, seja “possível obter o dom da paz”.

O bispo emérito de Leiria-Fátima pediu a todas as crianças para “não se esquecerem de continuar esta oração”. “Neste momento dramático que o mundo vive, elevemos a nossa oração ao Céu”, pediu D. António Marto.

Durante as meditações, as crianças pediram de forma especial o dom de “aceitar e dialogar com quem é diferente”, mas também “por todas as crianças que vivem a guerra e não podem ter uma infância feliz”. No final ofereceram um rosário “como sinal de amor” para “que Jesus dê o dom da paz a todos os cantos da terra”.

“Rezar com os pés” pretende eternizar um percurso de mais 140 km e interpelar mais pessoas à peregrinação

Documentário surgiu em consequência da iniciativa #AndaComMaria, que ligou Fátima e a Jornada Mundial da Juventude Lisboa.

Cátia Filipe

O documentário “Rezar com os pés” foi apresentado em Fátima, na tarde de 13 de outubro. O nome foi inspirado nas palavras do cardeal José Tolentino Mendonça e conta a história dos 400 peregrinos que participaram na iniciativa #AndaComMaria, uma parceria entre o Corpo Nacional de Escutas (CNE) e o Santuário de Fátima. Estes jovens, oriundos de Portugal, França, Madagáscar, Ruanda, Haiti, e Brasil, caminharam, de 27 a 31 de julho, ao longo de 140 quilómetros, entre Fátima e a Jornada Mundial da Juventude Lisboa, sempre acompanhados pela Imagem da Virgem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

O realizador, Pedro Cunha, e a sua equipa acompanharam os cinco dias desta jornada e foram testemunhas da aventura vivida, da superação e da experiência de fé pessoal e partilhada nos locais de pernoita com as comunidades locais, em procissões noturnas, tendo como destino final Lisboa.

“Tentei acompanhá-los o máximo possível, e estar envolvido nesta atividade foi uma experiência muito boa, que mexeu muito comigo, quer do ponto



de vista físico, quer do ponto de vista psicológico, porque não estava à espera de encontrar pessoas tão abertas, com uma esperança e fé no mundo tão grandes”, disse Pedro Cunha.

“Não sabíamos o que íamos

encontrar, e encontramos uma série de situações diferentes, mas acima de tudo encontramos 400 pessoas todas diferentes, e foi desafiante conseguir conjugar tudo isso, mas também foi algo muito bonito”, reiterou,

mostrando-se “impressionado com a perseverança, porque andavam o dia inteiro, e no fim do dia era alegria e festa sempre”.

Para o P. Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, este documentário tem uma

grande “força simbólica”, pois “manifestou a alegria desta atividade, que foi uma oportunidade única de envolver os jovens”.

O sacerdote recordou que o Santuário de Fátima tem vindo a desenvolver de há uns anos a esta parte várias atividades com escuteiros, mas esta foi de facto “especial”, pois “foi uma experiência que fica na memória de quem a viveu, e agora com o documentário chega a outras pessoas, para que possam de alguma forma sentir-se interpeladas também a fazerem-se peregrinas”.

Um dos responsáveis pela atividade, Paulo Santos, falou da experiência da peregrinação, e da surpresa do caminho, “pela forma como 400 jovens, muitos deles não conheciam a história de Fátima, não tinham devoção a Nossa Senhora e aos poucos foram-se entregando às atividades, e desenvolvendo uma devoção”.

Ao longo da peregrinação “cantaram, levaram o andor, chegaram a Lisboa devotos”.

O documentário vai agora ser exibido nas localidades por onde a iniciativa #AndaComMaria passou.

“A contas com Fátima” desvelou percurso vocacional sacerdotal

Padre Pedro Tavares falou do seu discernimento em ordem ao sacerdócio e da importância que Fátima nesse caminho.

Quase meia centena de pessoas participou no primeiro encontro online do “A contas com Fátima”, que se realizou na noite de 13 de outubro, onde ficaram a conhecer o percurso de discernimento vocacional do padre Pedro Tavares, do Patriarcado de Lisboa, e a forma como Fátima esteve presente nesse caminho e no seu ministério.

O sacerdote de 31 anos, que atualmente é pároco de Nossa Senhora da Purificação da Rolíça e do Santíssimo Salvador do Bombarral, deu a conhecer um caminho vocacional marcado por dúvidas e hesitações, que culminou na sua ordenação presbiteral em junho de 2017, o ano do Centenário das Aparições de Fátima, quando, ainda como diácono, acompanhou o Papa Francisco na celebração da Cova da Iria na qual foram canonizados Francisco

e Jacinta Marto, santos que o acompanharam na sua vida sacerdotal.

“No meu caminho, sempre senti a presença dos santos Pastorinhos, tanto que, nas três paróquias por onde já passei, procurei deixar imagens de São Francisco e Santa Jacinta”, contou, ao admitir e desfiar uma ligação estreita e longa a Fátima.

“Ainda criança, lembro-me que, na creche, desenhava com frequência Nossa Senhora em cima de uma árvore, numa aparição aos Pastorinhos, porque desde sempre ouvira a história das aparições a ser contada na família. Hoje, gosto de ir, quando posso, a Fátima e deter-me junto do túmulo de São Francisco, para lhe pedir ternura por Jesus, e junto do túmulo de Santa Jacinta, para pedir que me ajude e ensine a oferecer a

Nosso Senhor. Junto ao da Irmã Lúcia, peço o dom da fidelidade”, fez saber o convidado desta conversa, que foi mediada pela Irmã Sandra Bartolomeu, da congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima.

Na tertúlia, que é dinamizada pelo Departamento de Acolhimento e Pastoral do Santuário de Fátima (DAP), o padre Pedro Tavares recordou interpretou um tríptico que fez por ocasião de uma sua participação, em 2017, num “Fátima (En)Contraste”, uma outra iniciativa do Santuário onde retratou a 7.ª aparição de Nossa Senhora.

“Esta participação fez-me mergulhar na mensagem de Fátima e ler as Memórias da Irmã Lúcia. Ver-me obrigado a expressar tudo isto fez-me entrar numa dinâmica nova de Fátima, porque percebi efetivamente o que Nossa senhora

tem para oferecer e a densidade da vida dos Pastorinhos”, confidenciou o sacerdote, que terminou a sua participação recordando os momentos marcantes do contributo que deu, mais recentemente, para a Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, onde, na equipa de liturgia, desenhou os paramentos da primeira Missa, celebrada no Parque Eduardo VII, e a estola que Santo Padre usou na celebração das Vésperas, com os sacerdotes.

“Foi uma honra enorme”, disse o padre Pedro Tavares, ao admitir sentir uma concretização efetiva do seu ministério neste contributo artístico que deu.

“A Igreja evangeliza na beleza. No contributo que possa dar para a harmonia dos espaços e das celebrações, sinto que os meus dons render”, concluiu.

Fátima escola de Santidade: como podemos viver esse desafio a partir da mensagem de Fátima?

Cátia Filipe

O cardeal D. António Marto, no Simpósio Teológico-Pastoral 'Fátima, hoje: pensar a santidade', em junho de 2021, afirmou que o Santuário de Fátima tem de ser uma "escola de santidade".

"Este é o grande desafio da santidade da Igreja e estes dias mostraram que a espiritualidade de Fátima continua a ser válida e interpeladora para este nosso século XXI, dando-nos chaves de leitura para esse desafio concreto", disse ainda o prelado.

Numa conjuntura pós-pandemia, em plena guerra, o mundo, a Igreja, e cada um, vivem num desafio permanente, que passa por acompanhar uma realidade em constante mudança, de forma tão exigente e rápida, quão velozes as publicações nas redes sociais, que não só desafiam as linguagens, como estimulam novos modos de encarar a santidade.

Mais de cem anos depois, o jornal Voz da Fátima interpelou várias congregações e movimentos marianos, sobre o desafio que é viver hoje a santidade a partir da mensagem de Fátima.

"A mensagem de Fátima é toda ela de enorme fidelidade ao Evangelho, pelo que poderíamos dizer que buscar a Santidade pela Mensagem de Fátima leva-nos a desejar viver plenamente o Evangelho e a Revelação definitiva em Jesus Cristo.

Mas a exemplo dos Santos Jacinta e Francisco e da Venerável Ir. Lúcia, que desde cedo conformaram a sua vida aos pedidos de Maria em Fátima, viveremos a santidade na medida em que formos capazes de pela oração e sacrifícios amar à medida de Jesus. A dinâmica de Santidade só é possível se formos capazes de amar. Não se trata de gostar muito, trata-se de amar o próximo como a ti mesmo, como nos pede Jesus, depois de amar a Deus acima de todas coisas.

Enquanto Servitas que em Fátima procuramos acolher os Peregrinos nas suas diferentes necessidades, este amar ganha uma força ainda maior.

Há muitas maneiras de acolher os Peregrinos, mas só uma é caminho de Santidade. Acolher, amando, aqueles que a nós recorrem. É este desafio que cada Servita procura alcançar de cada vez que, em Fátima, recebe

um doente, escuta um peregrino, acolhe na Capelina um penitente ou encaminha os Peregrinos numa procissão. Ser capaz de amar, sempre, o peregrino que tem diante de si. Não é tarefa que se alcance só por nós, mas com Maria Senhora de Fátima e a Graça de Deus sim, é possível sermos Santos assim."

GONÇALO CORRÊA D'OLIVEIRA

Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima

"«Quero que aprendam a ler» – foi um dos pedidos de Nossa Senhora aos três pastorinhos. A Mãe do Céu veio à Cova da Iria erguer a sua cátedra, onde se senta ainda hoje, trazendo nas mãos, como depositário da

sabedoria de Deus, o Seu Imaculado Coração com o reflexo da Luz imensa que é Deus, para nos ensinar a ler. A ler os mistérios de Deus – "uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado"; a ler os sinais dos tempos e da humanidade que nos rodeia – "rezem o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra"; e a ler o mistério da nossa própria existência – "fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz".

Em Fátima, descobrimos a santidade como o processo de sermos introduzidos no Oceano do amor de Deus e, a partir daí, viver as duas atitudes evangélicas essenciais: a intimidade com Deus, ou a contemplação amoro-

sa, e o amor e serviço aos irmãos, ou a compaixão ativa. Atitudes que, em Fátima, se traduzem em pilares muito concretos: amor a Deus uno e trino, adoração a Jesus Escondido, Oração, Reparação, Consagração, devoção ao Imaculado Coração de Maria, Conversão e amor à Igreja e à humanidade. Nas pegadas dos santos Francisco e Jacinta, que aprenderam a ler a vida e o mundo a partir daquela Luz admirável, e a responder com um "Sim queremos" criativo à Luz criadora dos amigos de Deus, deixemos simplificar o coração, como caminho de santidade próprio dos pequeninos a quem foram revelados os mistérios do Reino de Deus e busquemos levar a santidade de Deus até às montanhas e ruínas do nosso tempo."

IR. MARGARIDA RAMOS

Aliança de Santa Maria

"Fátima é escola de santidade, porque é Evangelho. Nossa Senhora de Fátima faz eco da mensagem de conversão e de salvação do seu Filho Jesus. A santidade inscreve-se na nossa vida corrente no seguimento de Jesus, o Senhor, o Filho de Deus, nosso Modelo por excelência. A forma como Ele viveu, a Sua adesão total à vontade do Pai no Amor do Espírito Santo são a primeira e luminosa inspiração do nosso caminho de santidade. Seguir os Seus passos, imitá-Lo, abre caminhos inesperados, Deus é sempre novidade surpreendente e revela-se a cada pessoa no respeito pela sua idiossincrasia. Os caminhos de santidade são diversos e pessoais mesmo quando aderimos a um Carisma congregacional com uma espiritualidade específica e fundamentada como é a nossa. A nossa espiritualidade inspira-se na Mensagem de Fátima, revelada por Nossa Senhora de Fátima aos Pastorinhos e transmitida ao Venerável Padre Manuel Nunes Formigão que a assumiu como sua, a viveu com fidelidade, humildade, fortaleza e amor incondicional. O exemplo pessoal de santidade dos Pastorinhos, particularmente da Jacinta, foi um farol e um desafio de santidade para Formigão que incansavelmente o transmitiu ao mundo e, particularmente às Irmãs

Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, certo de que, nos indicava um caminho seguro de santidade radicado no Evangelho. As nossas Constituições são por isso incisivas: «O objectivo da Congregação é buscar em tudo a glória de Deus, a santificação dos seus membros e a salvação da humanidade, conforme o nosso carisma reparador, no seio da Igreja. [...] Unidas a Cristo, oferecemos diariamente ao Pai o trabalho, a oração, os sofrimentos e as alegrias por todas as pessoas. Na celebração da Eucaristia e na Adoração Eucarística recebemos a luz e a força necessárias para viver a nossa entrega generosa a Deus e ao próximo. [...] Cultivamos o amor e a devoção à Mãe de Deus, em quem encontramos o modelo perfeito da nossa espiritualidade e missão reparadora. [...] Não esqueçamos que a fundação da nossa Família Religiosa teve origem no premente e materno apelo à conversão e à penitência que Nossa Senhora, em Fátima, dirigiu a toda a Humanidade. » À imitação dos Santos Pastorinhos e do Venerável Padre Manuel Nunes Formigão pretendemos, através da nossa oferta reparadora, consolar Deus que "está muito ofendido" e almejamos a nossa santificação e a de todas as pessoas, acolhendo a Graça de Deus e aguardando com confiança o triunfo do Imaculado Coração de Maria no mundo e nos corações"

IR. AMÁLIA SARAIVA

Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima

"A mensagem de Fátima desafia-nos a viver a santidade através da oração, dos sacramentos e da devoção ao Imaculado Coração de Maria. Nas Equipas de Jovens de Nossa Senhora procuramos inspirar os nossos jovens a trilhar este caminho e viver com o desejo ardente de serem santos, seguindo o exemplo dos pastorinhos Francisco, Jacinta e Lúcia, com quem aprendemos a importância e beleza da humildade, simplicidade e obediência à vontade de Deus."

LUÍS MOTA CORREIA

Equipas de Jovens de Nossa Senhora





A Rosa de Ouro no final do Concílio: o reconhecimento de Fátima

No final da III Sessão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI, que haveria de visitar Fátima pela primeira vez a 13 de maio de 1967, por ocasião do cinquentenário das Aparições, decidiu enviar uma Rosa de Ouro para a Cova da Iria. A 28 de março do ano seguinte, benzeu a Rosa de Ouro na capela Matilde, no Palácio Apostólico, no Vaticano. A rosa esteve na Igreja de Santo António dos Portugueses até chegar à Cova da Iria nas mãos do Legado Pontifício D. Fernando Cento, que foi igualmente portador de uma carta para D. João Pereira Venâncio: “atribuímos e concedemos ao Santuário de Fátima a Rosa feita de ouro”.

Carmo Rodeia

No dia 21 de novembro de 1964, na cerimónia de clausura da III Sessão do Concílio Vaticano II, Paulo VI anuncia diante de padres conciliares a entrega da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima.

Cinquenta e nove anos depois recordamos as palavras dirigidas aos padres conciliares por Paulo VI, o primeiro Papa a visitar Fátima: “julgamos oportuno lembrar, hoje em particular, a consagração solene do nosso predecessor Pio XII ao Imaculado Coração de Maria. Com este fim, decidimos mandar proximamente, por uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima”.

Símbolo enviado pelos papas à realeza e outras relevantes personalidades, a Santuários ou Igrejas que mereciam distinção, a Rosa de Ouro enviada ao Santuário era diferente de todas as outras, procurando aludir à simplicidade e singeleza da Virgem Maria.

A princípio, a Rosa era constituída por uma única flor. Com o Papa Sisto IV, tomou a forma que manteve até à altura do envio para Fátima: um ramo de roseira, completamente em ouro, ao qual se acrescentavam pedras preciosas.

A Rosa de Ouro enviada por Paulo VI, e que hoje integra o espólio do Museu do Santuário de Fátima, tendo estado já patente ao público em algumas exposições temporárias, possui uma inscrição latina: *Paulus pp vi deiparae patrocinium pro tota ecclesia implorans auream rosam fatimense templo addie XIII mai a. MCMLXV* (O Papa Paulo VI implorando o patrocínio da Mãe de Deus, dedicou a Rosa de Ouro ao templo de Fátima no dia 13 de maio de 1965).



tima no dia 13 de maio de 1965).

Em Portugal, até então, só reis portugueses (no total seis) haviam recebido tal distinção. Em 2004, o Santuário de Nossa Senhora da Conceição no Sameiro, em Braga, haveria de receber uma Rosa de Ouro das mãos do Papa João Paulo II. O Santuário de Fátima já recebeu, depois disso, mais duas Rosas de Ouro entregues por Bento XVI, em 2010, e por Francisco, em 2017.

O significado da Rosa de Ouro funda-se na Liturgia do quarto domingo da Quaresma, o chamado Domingo Laetare, cuja antífona de entrada anuncia: *Laetare, Ierusalem, et conventum facite omnes qui diligites eam; gaudete cum laetitia, qui in tristitia fuistis; ut exsultetis, et satiemini ab uberibus consolationis vestrae* (“Alegra-te Jerusalém! Reuni-vos, vós todos que a amais; vós que estais tristes, exultai de alegria! Saciai-vos com a abundância de suas consolações”), conforme Isaías 66, 10-11.

Este domingo já foi chamado também de “Domingo das Rosas”, pois, na antiguidade, os cristãos costumavam presentear-se com rosas. E é aqui que surge a “Rosa de Ouro”.

No século X surgiu a tradição da “Bênção da Rosa”, ocasião em que o Santo Padre, no IV Domingo da Quaresma, ia da Basílica de São João de Latrão à Basílica de Santa Cruz de Jerusalém, levando na mão esquerda uma rosa de ouro que significava a alegria pela proximidade da Páscoa. Com a mão direita, o Papa abençoava a multidão. Regressando processionalmente a cavalo, o Papa oferecia ao prefeito de Roma uma rosa em sinal de agradecimento pelos serviços prestados na sua condução.

7 de outubro é o dia da memória litúrgica de Nossa Senhora do Rosário, entre todas as invocações, aquela que mais nos aproxima da invocação da Mãe de Jesus como Rainha da paz. Assim foi em Fátima, onde, apresentando-se como Senhora do Rosário na aparição final, a de 13 de outubro, concluiu o fio contínuo do pedido à oração do terço pela paz, que atravessara as aparições desde a primeira, com a profecia de que a guerra iria acabar e os militares regressariam a suas casas.

Este 7 de outubro, o de 2023, ficará para sempre na memória do mundo como o dia que agudizou a um nível extremo, em que o terror supera todo o excesso, o conflito que há décadas se vive todos os dias na própria terra de Jesus: na Terra Santa, como se de um fado perpétuo se tratasse, correu abundante sangue inocente de crianças, mulheres e homens, vítimas de hediondos assassinios perpetrados por um movimento terrorista que reivindicava para si mesmo raízes religiosas.

Quando a violência cresce, com ela cresce o terror: uma e outro são filhos do medo e da vingança, por sua vez filhos da violência e do terror... e assim indefinidamente, num ciclo vicioso perpétuo. Os dias desde 7 de outubro, têm sido dias desses, excessivos, desmedidos, desumanos, gravados no tempo por extremismos políticos radicados em extremismos religiosos em confronto.

Quase toda a violência é uma experiência simultaneamente gerada e geradora. A grande novidade de Jesus, pronunciada e consumada naquelas terras hoje a ferro e fogo, entre bombas a cair e ruínas de prédios caídos, foi quebrar em si mesmo a iniquidade e a fatalidade da história humana como história da violência entre os homens e os povos e, diga-se neste contexto, entre os credos. Filho religioso do seu povo, que parece esquecer por estes dias a proporcionalidade da lei de talião, civilizadora, no tempo da sua prescrição, nomeadamente da resposta da vítima, Jesus transforma o olhar da religião sobre a violência, manifesta que há a possibilidade de outro caminho que não o da inexorável perpetuação deste ciclo vicioso.

Quando a violência e o terror acontecem no patamar da superação de todo o excesso imaginável, torna-se difícil, humanamente impossível até, por muito tempo, a razoabilidade de palavras e de atos de paz. No entanto, há que teimar. Nem a Senhora do 7 de outubro, que em Fátima se deu a conhecer como “do Rosário” em 13 do mesmo mês, em plena primeira guerra mundial, nos permite outra coisa hoje, quando tanto se fala já de terceira, mesmo se aos pedaços, como vem dizendo Francisco. Quando regressarão os reféns e quando regressarão os soldados e quando regressarão os expulsos-refugiados, todos, a suas casas, qualquer que seja o lado da cerca em que ficam? E, porque não desejar, quando acabará a cerca? Quando chegará a paz? O pedido da Senhora compromete-nos. A sua profecia “esperança-nos”.

A Sétima Aparição e o caminho da vocação – arriscar no sim

Irmã Sandra Bartolomeu



No dia 13 de maio de 1917, aquando da primeira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria aos três pequenos pastores, para além do pedido a comparecerem ao encontro naquele mesmo local a 13 dos cinco meses seguintes, Nossa Senhora disse que regressaria ainda uma sétima vez.

Esta sétima aparição, menos conhecida que as que se sucederam entre maio e outubro de 1917, acontece a 15 de junho

de 1921, já depois da morte de Francisco e Jacinta. Trata-se, portanto, de uma aparição particular a Lúcia, num momento decisivo da sua vida e do seu caminho vocacional.

Em razão de Lúcia ter permanecido a única vidente, e de ser continuamente procurada por esse motivo, estando bastante esgotada, o bispo de Leiria propôs-lhe que se retirasse para estudar num colégio no Porto, e Lúcia anuiu com muito alívio e agrado. Contudo, na véspera da partida, depois de percorrer os lugares onde vivera acontecimentos extraordinários na companhia dos seus primos e ao considerar que não poderia voltar a casa ou contactar diretamente com a sua família, começou a vacilar fortemente na sua decisão e a entrar em crise. Entre a afeição às coisas do passado e o medo diante das incertezas do futuro, Lúcia fica bloqueada e renitente a avançar no assentimento dado.

«Viste a minha luta, a indecisão e o arrependimento do sim que antes tinha dado, a incerteza do que iria encontrar, a resolução de voltar atrás. O conhecimento do que deixava, e a saudade a desgarrar-me o coração! Esse Adeus a tudo, no desabrochar da juventude onde um belo futuro me sorria [...] Pedia a Nossa Senhora, perdão de não ser capaz de oferecer-lhe desta vez, este sacrifício que me parecia superior às minhas forças. Recordava sim, esse mais belo dia 13 de maio de 1917, em que tinha dado o meu Sim, prometendo aceitar todos os sacrifícios que Deus quisesse enviar-me» (Irmã Lúcia de Jesus, Um caminho sob o olhar de Maria).

Este episódio evoca, por um lado, a luta interior inerente a todo o caminho vocacional e, por outro, a resposta da fé ao chamamento de Deus. Toda a resposta cristã é uma resposta incondicional à vontade de Deus, implicando deixar tudo assente na confiança em Deus.

O caminho da vocação é tecido de vários “Sins”. Há um primeiro “Sim”, dado em momento de consolação, consentindo em entregar toda a vida e liberdade a Deus. As várias circunstâncias da vida e outros valores que surgem no horizonte tratam de pôr à prova esse consentimento. Se por um lado, a resposta inicial é posta em crise, por outro, a crise faz-se oportunidade para consolidar esse “sim” a partir da sua raiz, isto é, da razão fundante. Na história de Lúcia, Nossa Senhora aparece uma sétima vez, encerrando as aparições para consolidar a vocação de Lúcia:

«Aqui estou pela sétima vez. Vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo te quiser levar, essa é a vontade de Deus.» Repeti então o meu Sim, agora bem mais consciente do que no dia 13 de maio de 1917» (Irmã Lúcia de Jesus, Um caminho sob o olhar de Maria).

Este “sim” de Lúcia levá-la-á a abraçar os votos de castidade, pobreza e obediência na vida religiosa, primeiro como doroiteia e, por fim, como carmelita. Mas a radicalidade do “sim” à vontade de Deus é comum a toda a vocação cristã, isto é, a todos aqueles que, em virtu-

de do Batismo são chamados a configurarem a resposta da sua vida com a de Cristo. A resposta da obediência à vontade de Deus na fé não é um exclusivo da vida consagrada, mas uma exigência comum a todos os fiéis que trilharam o caminho da santidade – vocação fundamental de todos os cristãos. As “pedras vivas” (1 Pe 2,5) da Igreja são “aqueles que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá” (Ap 14,4), “escutam a sua voz e seguem-no” (cf. Jo 10,27) e a sua voz é dirigida não só aos de especial consagração, mas a todos.

Este seguimento obediente da vontade de Deus é condição para uma Igreja que pretende viver sinodalmente, uma Igreja ministerial, que vive na consciência da comum vocação à santidade e assume, em cada batizado, a tarefa da escuta atenta à voz do Espírito, nas suas mais diversas manifestações.

É na comum-resposta da fé que somos irmãos e membros do mesmo corpo de Cristo: “Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está no Céu, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50).

AGENDA

novembro

26
dom

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO
SOLENIDADE

dezembro

2
sáb

PRIMEIRO SÁBADO

JORNADA DE APRESENTAÇÃO
DO ANO PASTORAL DE 2023-2024

ENCONTRO DOS JOVENS VOLUNTÁRIOS 2023

FÁTIMA (EN)CONTRASTE 6.ª edição

3
dom

DOMINGO I DO ADVENTO

INÍCIO DO ANO PASTORAL E LITÚRGICO DE 2023-2024

8
sex

IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM
SANTA MARIA – SOLENIDADE